

## 1. Platão *Górgias*

POLO: Querefonte, as artes são abundantes entre os homens, descobertas da experiência experimentalmente. Pois a experiência faz com que a nossa vida seja guiada pela arte, enquanto a inexperiência, pelo acaso. Diferentes homens participam de cada uma delas de formas diferentes, e das melhores artes, os melhores homens. Dentre estes últimos, eis aqui Górgias, que participa da mais bela arte.

SÓCRATES: Polo parece bem preparado para o discurso, Górgias. Porém, não cumpre o que apregoava a Querefonte.

GÓRGIAS: Precisamente o quê, Sócrates?

SÓCRATES: A pergunta não me pareceu ter sido absolutamente respondida.

GÓRGIAS: Mas então pergunta tu, se quiseres!

SÓCRATES: Não; se tu mesmo quiseres responder, será mais aprazível interrogar-te. Pois é evidente que Polo, pelo que acabou de dizer, tem praticado antes a chamada retórica do que o diálogo.

POLO: Por quê, Sócrates?

SÓCRATES: Porque, Polo, Querefonte perguntou a ti de qual arte Górgias tinha conhecimento e tu passaste a elogiar a sua arte como se alguém a vituperasse; mas que arte é essa não respondeste.

POLO: Mas não respondi que é a mais bela?

SÓCRATES: Com certeza. Mas ninguém estava perguntando de que qualidade ela é, e sim que arte é essa, e por qual nome Górgias deve ser chamado.

(todas as traduções de *Górgias* são de Daniel Rossi Nunes Lopes)

## 2. Platão *Górgias* 452e-53a

SÓCRATES: Vai então, Górgias, considera como se tivesses sido perguntado por eles e por mim, e responde que bem é esse que afirmas ser o maior bem para os homens e cujo artífice és tu!

GÓRGIAS: Aquele que é, Sócrates, verdadeiramente o maior bem e a causa simultânea de liberdade para os próprios homens e, para cada um deles, de domínio sobre os outros na sua própria cidade.

SÓCRATES: O que é isso, então, a que te referes?

GÓRGIAS: A meu ver, ser capaz de persuadir mediante o discurso os juízes no tribunal, os conselheiros no Conselho, os membros da Assembleia na Assembleia e em toda e qualquer reunião que seja uma reunião pública. Ademais, por meio desse poder terás o médico como escravo, e como escravo o treinador. Tornar-se-á manifesto que aquele

negociante negocia não para si próprio, mas para outra pessoa, para ti, que tens o poder de falar e persuadir a multidão.

SÓCRATES: Agora sim, Górgias, tua indicação parece-me muito mais propínqua à qual arte consideras ser a retórica, e se compreendo alguma coisa, afirmas que a retórica é artífice de persuasão, e todo seu exercício e cerne convergem a esse fim.

### **3. Platão Górgias 454a-b**

SÓCRATES: Uma vez, então, que não é apenas ela a desempenhar esse ofício, mas também as demais artes, é justo, como no caso do pintor, que em seguida tornemos a interrogar nosso interlocutor: "De qual persuasão, e persuasão concernente a que, a retórica é arte?" Ou não te parece justo interrogá-lo novamente?

GÓRGIAS: Parece-me.

SÓCRATES: Responde então, Górgias, visto que também a ti parece justo.

GÓRGIAS: Pois bem, refiro-me a esta persuasão, Sócrates, à persuasão nos tribunais e nas demais aglomerações, como antes dizia, e concernente ao justo e ao injusto.

### **4. Platão Górgias 454e-55a**

SÓCRATES: Qual é, então, a persuasão que a retórica produz nos tribunais e nas demais aglomerações, a respeito do justo e do injusto?

A que gera crença sem o saber ou a que gera o saber?

GÓRGIAS: É deveras evidente, Sócrates, que aquela geradora de crença.

SÓCRATES: Portanto, a retórica, como parece, é artífice de persuasão que infunde crença, mas não ensina nada a respeito do justo e do injusto.

GÓRGIAS: Sim

SÓCRATES: Portanto, tampouco o rétor está apto a ensinar os tribunais e as demais aglomerações a respeito do justo e do injusto, mas somente a fazê-los crer; pois não seria decerto capaz de ensinar a tamanha multidão, em pouco tempo, coisas assim tão valiosas.

### **5. Platão Górgias 459c**

SÓCRATES: Assim, no tocante a todas as demais artes, o rétor e a retórica se encontram na mesma condição: a retórica não deve conhecer como as coisas são em si mesmas, mas descobrir algum mecanismo persuasivo de modo a parecer, aos ignorantes, conhecer mais do que aquele que tem conhecimento.

GÓRGIAS: E então, Sócrates, não é uma enorme comodidade: mesmo não tendo aprendido as demais artes, mas apenas esta, não ser em nada inferior aos artífices?

## 6. Platão *Górgias* 457c-d

SÓCRATES: Creio que também tu, Górgias, és experiente em inúmeras discussões e já observaste nelas o seguinte: não é fácil que os homens consigam encerrar seus encontros depois de terem definido o assunto a respeito do qual intentam dialogar, aprendendo e ensinando mutuamente; pelo contrário, se houver controvérsia em algum ponto e um deles disser que o outro não diz de forma correta ou de forma clara, eles enfurecem e presumem que um discute com o outro por malevolência, almejando antes a vitória do que investigar o que se propuseram a discutir; alguns inclusive se separam depois de darem cabo aos mais vergonhosos atos, e, em meio a ultrajes, falam e escutam um do outro coisas tais que até os ali presentes se enervam consigo mesmos, porque acharam digno ouvir homens como esses.

## 7. Platão *Górgias* 464b-55e

SÓCRATES: Vamos lá então! Se eu for capaz, vou te exhibir de forma clara o que digo. Como são duas coisas, afirmo que há duas artes: em relação à alma eu a chamo de política, ao passo que, em relação ao corpo, não posso chamá-lo igualmente por um só nome, no entanto, visto que é único o cuidado para com o corpo, duas partes dele distingo, a ginástica e a medicina; quanto à política, em contraposição à ginástica há a legislação, enquanto a justiça é a contraparte da medicina. Cada par possui algo em comum por concernir à mesma coisa, a medicina e a ginástica, de um lado, e a justiça e a legislação, de outro, embora haja algo em que se difiram. Assim, na medida em que são quatro e que cuidam sempre do supremo bem do corpo e da alma cada qual a seu turno, a lisonja, percebendo esse feito - não digo que sabendo, mas conjecturando - divide-se em quatro e, infiltrando-se em cada uma dessas partes, simula ser aquela na qual se infiltra. Ela não zela pelo supremo bem, mas, aliada ao prazer imediato, encalça a ignorância e assim ludibria, a ponto de parecer digna de grande mérito. Portanto, na medicina se infiltrou a culinária, simulando conhecer qual a suprema dieta para o corpo, de modo que, se o cozinheiro e o médico em meio a crianças ou a homens igualmente ignorantes como crianças, competissem para saber qual deles, o médico ou o cozinheiro, conhece a respeito das dietas salutares e nocivas, o médico sucumbiria de fome. Isso eu chamo de lisonja, e afirmo que coisa desse tipo é vergonhosa, Polo - e isto eu digo a ti - porque visa o prazer a despeito do supremo bem. Não afirmo que ela é arte, mas experiência, porque não possui nenhuma compreensão racional da natureza daquilo a que se aplica e daquilo que aplica, e, conseqüentemente, não tem nada a dizer sobre a causa da cada um deles. Eu não denomino arte algo que seja irracional, mas se tiveres algum ponto a contestar, desejo colocar à prova o argumento. À medicina, então, como estou dizendo, a culinária subjaz como lisonja, e à ginástica subjaz, de modo análogo, a indumentária, capciosa, enganadora, vulgar, servil, que ludibria por meio de figuras, cores, polidez e vestes, a ponto de fazer com que, furtando uma beleza que lhe é alheia, se negligencie a beleza legítima fruto da ginástica. Então, para que eu não me estenda em um longo discurso, desejo te dizer como dizem os geômetras (pois talvez já me acompanhes): a indumentária está para a ginástica assim como a sofística está para a legislação, e a culinária está para a medicina assim como a retórica para a justiça. (...) O que eu, então, afirmo ser a retórica, já ouviste: a contraparte da culinária na alma, assim como a culinária é a sua contraparte no corpo. Talvez eu tenha incorrido em um absurdo, porque não permitindo que tu fizesses longos discursos, eu mesmo acabei me prolongando em um discurso extenso. Contudo, mereço ter perdão, pois quando eu falava brevemente, tu não me entendias nem eras minimamente capaz de fazer uso das respostas que te endereçava, carecendo de explicação.

(trad. de Daniel R. N. Lopes)